

BAÍA DE GUANABARA: A DEGRADAÇÃO E O TRABALHO DOS PESCADORES ARTESANAIS

GUANABARA BAY: THE DEGRADATION AND THE WORK OF ARTISANAL FISHERMEN

MÁRCIA FERREIRA MENDES ROSAⁱ, UBIRAJARA ALUIZIO DE OLIVEIRA MATTOSⁱⁱ &

FÁTIMA TERESA BRAGA BRANQUINHOⁱⁱⁱ

ⁱSecretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

^{ii,iii}Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ⁱmarciafmenandesrosa@hotmail.com, ⁱⁱubirajaraaluzio@yahoo.com.br, ⁱⁱⁱfatimabranquinho@uol.com.br

RESUMO. O artigo baseia-se em pesquisa de caráter quanti-qualitativa com 100 pescadores artesanais da Baía de Guanabara e tem como objetivo discutir a situação das comunidades que dependem desse ecossistema para sobreviver, analisando os aspectos de intensa desigualdade, vulnerabilidade e injustiça ambiental a que estão expostos. Diariamente dezenas de pescadores buscam a Baía de Guanabara para obter o seu pescado na tentativa de conseguir manter-se com a atividade, mas a cada dia essa tarefa é mais difícil. A atividade pesqueira artesanal é desenvolvida há décadas, porém ela está ameaçada de prosseguir devido às precárias condições ambientais da Baía, apesar dos diversos programas e projetos de despoluição das suas águas. A degradação é fruto das diferentes atividades poluentes dentro e fora do ecossistema e da demanda de imensa carga orgânica oriunda dos municípios do entorno que não possuem rede e tratamento de esgoto. As comunidades de entorno da Baía vivem em locais sem saneamento e de extrema pobreza, isto é, próprios para a disseminação de doenças de veiculação hídrica e infectocontagiosas. Somando a essas adversidades estão outras tantas que fazem com que esses trabalhadores adoeçam ou que estejam mais vulneráveis a certas doenças. A poluição desse ecossistema afetou a qualidade das águas e dos manguezais, interferindo progressivamente na redução de estoques pesqueiros, no lazer, turismo e transporte. Os moradores perdem em qualidade de vida, pois não podem mais usufruir das praias com altos índices de coliformes fecais, tendo que procurar outros locais mais distantes para um banho de mar. Atualmente, os pescadores vivem diante de uma situação preocupante que é a perspectiva do fim da atividade pesqueira artesanal. A degradação do ambiente e todas as circunstâncias desfavoráveis de vida como a moradia, violência urbana e a precariedade do trabalho caracterizam um cenário de intensa injustiça ambiental para com esses trabalhadores. Observa-se que a degradação é o resultado da falta de políticas públicas e de gestão que contemple a preservação da Baía de Guanabara, um ecossistema que abriga diferentes processos de trabalho, lazer e de vida.

PALAVRAS-CHAVE. SAÚDE AMBIENTAL, INJUSTIÇA AMBIENTAL, COMUNIDADES PESQUEIRAS, PESCADORES.

ABSTRACT. The study is based on a research quantitative and qualitative character 100 artisan fishermen of Guanabara Bay and aims to discuss the situation of the communities which depend on this ecosystem to survive, analyzing aspects of intense inequality, vulnerability and environmental injustice which are exposed. Every day dozens of fishermen seeks the Guanabara Bay to get your fish in an attempt to be able to keep up with activity, but every day this task is more difficult. The artisanal fishing activity is developed for decades. However, this activity has been threatened due to poor environmental conditions in the Bay, despite of variety of programs and projects of pollution of its waters. The degradation is the main result of different polluting activities inside and outside of the ecosystem and huge demand for organic load coming from the municipalities around which do not have sewage network and treatments stations. The communities around the Bay live in areas without sanitation and extreme poverty, i.e. fit for the spread of water-borne and infectious diseases. Beside these adversities there are many others which make these workers fall ill or be more vulnerable to certain diseases. The pollution of the ecosystem affected the quality of waters and mangrove progressively contributing to the reduction of fish stocks in the leisure, tourism and transportation. Locals lose in quality of life because they can no longer enjoy the beaches with high levels of faecal coliforms, having to look for another distant locations for a swim. Nowadays, fishermen live on a worrying situation which is the perspective of the end of artisanal fishing. The degradation of the environment and all the unfavorable circumstances of life such as housing, urban violence and the precariousness of work featuring a scene of intense environmental injustice to these workers. It is observed that the degradation is the result of the lack of public policies and management that considers the preservation of Guanabara Bay, an ecosystem which maintain various processes work, leisure and life.

KEYWORDS. ENVIRONMENTAL HEALTH, ENVIRONMENTAL INJUSTICE, FISHING COMMUNITIES, FISHERMEN.

INTRODUÇÃO

A Baía de Guanabara possui uma rica história, onde os primeiros ocupantes, os índios tupi-guarani e os tupinambás, viviam, neste local, pescando, caçando e aproveitando a grande beleza e os recursos do seu entorno.

A tradição pesqueira se deu por conta da influência dos portugueses e dos espanhóis que se instalaram na região e retiraram as riquezas desse lugar. Por meio das águas da Guanabara e dos rios navegáveis de seu recôncavo, puderam também os colonizadores ter acesso ao imenso interior, que foi, gradualmente, atingido durante os ciclos econômicos. (AMADOR, 1997).

A pesca artesanal e atividades agrícolas eram desenvolvidas pelas comunidades que diretamente viviam dos recursos naturais. Um ambiente com grande riqueza, mas passível de esgotamento dos seus recursos devido à sua má utilização.

A Baía de Guanabara é ainda considerada como um dos maiores cartões postais do Brasil, mas sofre há décadas com a poluição e o descaso dos governantes. É cantada em versos e prosas, é louvada, mas as suas águas não podem mais banhar a população, que precisa se deslocar para as outras praias com bons níveis de balneabilidade.

O processo de industrialização e a globalização aumentaram a velocidade da degradação das águas, mangues e praias da baía. Amador (1997) e Canedo (2000) afirmam que a Baía de Guanabara e a sua bacia contribuinte, apesar da sua importância histórica, econômica, cultural, científica, social e ambiental, sofre os efeitos de um processo secular de alteração e destruição, o qual se acentuou nas últimas décadas, com a implantação do modelo de desenvolvimento urbano-industrial.

A degradação, que passou por diferentes ciclos econômicos e políticos, conta também com a ocupação desordenada do seu entorno. Esse processo que avançou pelos canais, aterrou mangues e enseadas, modificando as praias e ilhotas, foi responsável em afastar os frequentadores, os peixes e parte da imensa variedade de vida. Muitas espécies já não existem mais, pois são poucos os pescados que resistem a essas condições.

Duas situações podem ser observadas: a natureza como objeto de exploração e de destruição pelo homem e também o homem pescador impedido de desenvolver o seu trabalho. Há nesse contexto a exploração natureza pelo homem e do homem pelo homem.

Dessa forma, a pesca artesanal está sendo inviabilizada refletindo a falta de um gerenciamento ambiental da Baía de Guanabara. Segundo Bullard (2004) e Acsegrad (2006) há um domínio nesse território de práticas potencialmente poluidoras e que avançam cada vez mais em busca de espaço no ambiente. Nesse contexto, a pesca artesanal é uma atividade antagônica, já que vive e necessita dos ciclos naturais e da qualidade das águas e dos mangues.

A imensa variedade e disponibilidade de recursos propiciaram o grande desenvolvimento da pesca na região (BARROSO, 2000). Sendo assim, muitas indústrias pesqueiras se instalaram no entorno da baía, contribuindo também para acelerar a degradação ambiental deixando um grande passivo ambiental.

Determinadas áreas importantíssimas de mangue foram transformadas em lixões ou aterros, como o de Gramacho (Duque de Caxias), o de Itaóca (São Gonçalo) e o Morro do Céu (Niterói). Depois de décadas de agressão ao ambiente esses aterros foram desativados, porém, essas áreas

contaminadas ainda continuam a produzir gases como o metano, necessitando de acompanhamento regular por parte de órgãos ambientais.

Muitas transformações sociais, econômicas e ambientais ocorreram na região, logo as comunidades foram se modificando assim como as suas perspectivas e realidades. O impacto sofrido por esse estuário ocasionado pela pressão antrópica foi responsável por profundas mudanças na atividade pesqueira artesanal.

Essas comunidades que retiram os seus sustentos durante décadas da baía assistem à diminuição dos pescados e à impossibilidade de viver apenas com a pesca artesanal. São grupos desestruturados, quase invisíveis para a sociedade, não sendo percebidos em um sistema em que prevalecem outras atividades econômicas altamente impactantes. Cutter (2003) e Cartier (2009) acreditam que as condições ambientais desfavoráveis do local e os riscos da atividade agravam a vulnerabilidade dos trabalhadores.

A vulnerabilidade socioambiental embutida nas relações de trabalho e na própria vida do trabalhador é assim compreendida, na qual se observam claramente os diferentes aspectos de desvantagem frente às condições de acesso de uma melhor qualidade de vida. (MARANDOLA; HOGAN, 2005). Os menos favorecidos são aqueles que mais sentem os reflexos da falta de gerenciamento ambiental e de políticas de proteção ao ambiente.

Num contexto de globalização, observam-se novas formas de organização do espaço. Left (2003) refere-se a esse contexto como o de “economização do mundo”, onde as diferentes dimensões da vida social estão sendo reduzidas à racionalidade do mercado.

A concepção de trabalho como mediador entre o ser humano e a natureza inclui a história dos pescadores artesanais que têm se organizado e sobrevivido no contexto capitalista, porém a precariedade das relações de trabalho faz parte do dia a dia das centenas de trabalhadores da pesca da Baía de Guanabara. São trabalhadores que não conseguem manter nem os poucos direitos assegurados, como o defeso.

A destruição dos lugares em função da degradação do ambiente e a falta de valorização das práticas tradicionais, ditas ultrapassadas, compreendem este universo de violências simbólicas destacadas por Bourdieu (2004).

Os pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara fazem parte de típicas comunidades de resistência, lembram um passado onde era possível viver melhor, quando era possível pescar próximo à sua casa, na beira da baía, utilizando pouco material de pesca e conseguindo sobreviver do pescado da região.

O saber-fazer do pescador artesanal é atingido pelo progresso e desenvolvimento local com as profundas alterações do sistema aquático. Para Valencio (2011) a dissolução da tradição dá-se por vários processos, dentre os quais, o de disputa do território das águas e dos peixes com outros usuários.

A pesca, a cata de caranguejos, o descarte dos siris e os marisqueiros, são atividades exercidas por pessoas que, em geral, têm uma estreita relação com a Baía de Guanabara, sendo que essas atividades também podem ser impactantes, já que os recursos encontram-se praticamente esgotados.

Paralelo a essas questões ainda os trabalhadores da pesca expõem-se, a grandes variações de temperatura, à radiação solar, a uma extensa e dura jornada de trabalho, aos riscos de afogamento

e acidentes, ao trabalho noturno e também à incerteza da própria pesca, pois um dia de trabalho intenso não é a garantia da captura do pescado. (ROSA, 2005).

Hoje ainda, apesar da degradação, pelas águas ou mangues da baía, centenas de pescadores retiram seus sustentos dessa região, porém percebe-se que é necessário um esforço maior e uma maior jornada de trabalho para conseguir encontrar o suficiente para sobreviver.

O esforço é diário e compreende o preparo da rede e de todos os apetrechos de pesca, os acertos da embarcação e a ida para o mar, enfrentando o frio, os ventos fortes e as chuvas. O horário pouco importa, se vai pela manhã enfrenta um sol forte, e se expõe à radiação, sem nenhuma proteção, se à noite, o frio, os ventos e a sensação de insegurança. Lançar a rede quantas vezes forem necessárias e esperar um dia melhor.

Atualmente a diminuição do pescado é visível e os pescadores reclamam que muitas espécies não mais existem e que apenas poucas espécies de peixes resistem às precárias condições ambientais.

É fato que, o pescador atualmente trabalha em um ambiente com baixíssima produtividade e sendo assim precisa recorrer a outras atividades para complementar a sua renda, aumentando também a carga horária, trabalho e os riscos. Ele passa mais tempo no mar, sofrendo com as limitações do ambiente. (ROSA; MATTOS, 2010).

No mangue, é o catador que se enfia na lama, nos espinhos da vegetação e na nuvem de insetos a picar sua pele. Ao retornar, ele tenta um preço mais justo, porém ainda existe a figura do atravessador que compra o produto por um preço bem mais baixo. Um trabalho silencioso, difícil e extremamente desgastante.

Hoje toneladas de lixo vêm nas redes dos pescadores e são lançadas novamente nas águas. No mangue, observa-se que apesar da generosidade do ambiente, o homem ainda maltrata o berçário da vida marinha ao lançar seus dejetos nesse estuário.

Outro fato é a inserção de novos empreendimentos na região, como o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro - COMPERJ, próxima aos manguezais da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guapimirim. Os catadores de caranguejo de Itambi temem pela proximidade do local escolhido e pela degradação e extinção da fauna e flora locais. (ROSA, 2012)

As questões ambientais, como a poluição dos mares, rios, destruição de manguezais, resultante de processos que afetam à população que nela vive, nos remete a pensar na crise socioambiental que atinge diretamente aos menos favorecidos.

METODOLOGIA

A pesquisa de caráter quali-quantitativa foi desenvolvida nas comunidades pesqueiras da Baía de Guanabara onde ainda é praticada a pesca artesanal, utilizando uma amostra de cem trabalhadores (oitenta pescadores e vinte catadores de caranguejos) da região selecionada.

As comunidades selecionadas localizam-se na região leste da baía e compreendem os municípios de São Gonçalo, Itaboraí e Magé. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem ecossistêmica de acordo com Rapport (1998a); Rapport (1998b); Walter-Toews (2001), baseado em levantamento bibliográfico sobre o tema proposto por meio de artigos, livros, teses, sites, pesquisa de campo e observação do processo de trabalho.

Situa-se o estudo no campo da Saúde Ambiental e do Trabalhador, destacando o enfoque interdisciplinar da relação ambiente/trabalho e saúde para a compreensão e análise da questão norteadora.

Os espaços de desenvolvimento da pesquisa de campo foram às comunidades pesqueiras da Baía de Guanabara (São Gonçalo: quatro locais de pescaria; Itaboraí: um local; Magé: três locais). Esses municípios concentram uma população com características socioeconômicas e que, estatisticamente, perfazem índices piores do que os do conjunto do Estado do Rio de Janeiro observando a renda dos moradores ou na infraestrutura urbana. São municípios com alto índice de violência urbana. (BRANDÃO, 2004).

As entrevistas foram realizadas no local do trabalho, ou seja, nas praias e região de mangue da região selecionada. Inicialmente, foram feitas abordagens, com objetivo de esclarecer ao pescador artesanal sobre a pesquisa e se era possível atender ao pesquisador naquele momento.

Também foram realizadas visitas aos locais para observação e investigação dos processos de trabalho, dos fatores de riscos de acidentes e doenças, condições de moradia e contatos com os líderes locais das associações de pesca e de moradores da região estudada.

O estudo está em consonância com as normas e diretrizes que regulam as pesquisas com seres humanos sendo submetida ao comitê de ética e aprovada pelo parecer de protocolo n°. 038.3.2010 na Comissão de Ética e Pesquisa – COEP/UERJ.

Os resultados dos questionários possibilitaram informações importantes sobre o trabalho artesanal, a vida nas comunidades pesqueiras e a saúde desses trabalhadores. O fio condutor do estudo, ou seja, a vulnerabilidade dos pescadores artesanais propiciou a articulação entre os dados coletados, os referenciais teóricos e a posterior análise.

RESULTADOS

Pode-se observar em relação à atividade pesqueira artesanal que o território e o trabalho foram paulatinamente reduzidos, fruto das diferentes atividades econômicas desenvolvidas, e das precárias condições ambientais da região, ou seja, a precariedade é traduzida pela falta de saneamento, de políticas de proteção ao ecossistema, de proteção ao trabalho artesanal e as comunidades de entorno. Nesse caso, as condições ambientais impõem a limitação das práticas artesanais.

As comunidades pesqueiras, que possuem uma identidade própria e uma cultura diferenciada representada nas artes de pesca e no respeito aos ciclos naturais existentes, disputam espaço com uma sociedade urbano-industrial, cuja lógica é o capital e o consumo.

O território da baía, ocupado pelo pescador, encontra-se transformado em espaços abertos. A liberdade de escolha pelos pesqueiros, ou pelo melhor lugar para pescar também encontra-se cerceada. A Baía de Guanabara deixa de ser utilizada como bem comum, com todos os serviços ambientais que ela pode oferecer caracterizando uma área de grandes interesses e conflitos.

Dessa forma, as condições ambientais atuais da baía estão impedindo a atividade pesqueira artesanal, como uma zona de sacrifício. Os pescadores observam paulatinamente a redução e extinção de diferentes espécies de pescado, além de todas as dificuldades para manter a pesca na região.

Durante a pesquisa os pescadores relataram o desaparecimento ou redução drástica de 46 espécies na baía, resultado de décadas de degradação e descaso com o ambiente. Nesse caso, esses trabalhadores são atingidos de uma forma direta e mais intensa.

A vulnerabilidade desse trabalhador está associada a vários fatores como a degradação do ambiente, os baixos rendimentos, a baixa escolaridade, a exposição aos fatores de risco, a carga horária entre outros.

A vulnerabilidade também é observada na necessidade do trabalhador em desempenhar uma atividade paralela para complementar a sua renda. Dessa forma, muitos adoecem ou sentem os reflexos da intensa carga de trabalho e stress.

O futuro ainda é bem incerto, já que o projeto da Empresa Petrobras: o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (COMPERJ) traz também um cenário de grande instabilidade na região, não só para os pescadores artesanais, mas também para a população que percebe o perigo dos derramamentos de óleo e da destruição das remanescentes áreas de manguezais da Baía de Guanabara na APA de Guapimirim.

Outro fato é a violência dentro da baía, seja por conta do tráfico de drogas na região ou pelos conflitos na disputa de locais para o empreendimento de diferentes atividades no seu entorno. São relatos de situações de violência e até morte de pescadores.

A violência simbólica descrita por Bourdieu encontra-se impregnada nessas comunidades e o pescador enquadra-se como vítima desse processo, são situações de medo, de impedimento e precariedade do trabalho e de impossibilidade, muitas das vezes, do ir e vir. Sua cultura e modos de vida estão desaparecendo em função da degradação do ambiente e da disputa de território.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. Comunicação ao II Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PRODUTORES E USUÁRIOS DE INFORMAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E TERRITORIAIS, 2006, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FIBGE, 2006*. Disponível em: <www.ibcperu.org>. Acesso em: jun. 2010.
- AMADOR, E. S. *Assoreamento da Baía de Guanabara, Subsídios para a Elaboração do Plano Diretor de Controle*. Rio de Janeiro: Instituto de Geociências da UFRJ, 1997. 149 p.
- BARROSO, L. V. *Aspectos da atividade da pesca na Baía de Guanabara*. Rio de Janeiro: s.n., 2000.
- BOURDIEU, P. A. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRANDÃO, A. A. *Miséria da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- BULLARD, R. D. Classe social, justiça ambiental e conflito político. In: ACSELRAD H., HERCULANO S., PÁDUA J.A., (Org.) *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004. p.69-80.
- CANEDO, E. *Despoluindo a Baía de Guanabara: a situação ambiental e a gestão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- CARTIER, R. L. et al. Vulnerabilidade social e risco ambiental: uma abordagem metodológica para avaliação de injustiça ambiental. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 25, n. 12, p. 2695-704, 2009.

- CUTTER, S. L. Vulnerability to environmental hazards. *Prog. Hum. Geography*, v. 20, n. 4, p. 529-39, 1996.
- LEFT, E. A Geopolítica da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável: economização do mundo, racionalidade ambiental e reapropriação social da natureza. In: MARTINS, R. C.; VALENCIO, N. (Org.). *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil, v. 2: desafios teóricos e político-institucionais*. São Carlos: Rima Editora, 2003. p.1-20.
- MARANDOLA, JR., E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidade e riscos: entre geografia e demografia. *Revista Brasileira de Estudos da População*, São Paulo, v. 22, n.1, p.29-53, 2005.
- RAPPORT, D. Need for a new paradigm. In: RAPPORT, D.; COSTANZA, R.; EPSTEIN, P. R. *Ecosystem Health*, London, p.3-17, 1998.
- _____. Need for a new paradigm. In: RAPPORT, D. et al. *Ecosystem Health*. London: Blackwell Science, 1998. p.18-33.
- ROSA, M. F. M. *Vulnerabilidade socioambiental dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara: o trabalho e a saúde em um contexto de injustiça ambiental*. 2012. Tese de doutorado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
- ROSA, M.F.M.; MATTOS, U. A. O. A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, supl. 1, p.1543-1552, jun. 2010.
- ROSA, M. F. M. *As condições de trabalho e saúde dos pescadores e catadores de caranguejos da APA de Guapimirim*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Engenharia, 2005.
- VALENCIO, N. *A pesca artesanal como identidade: mercantilização e dissolução de um modo de vida rural*. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <www.alasru.org>. Acesso em: mar. 2012.
- WALTER-TOEWNS, D. *Ecosystem sustainability and health a practical approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.